

Estruturação da Cidade, Desigualdades e Diferenças: Contextos e Perspectivas Analíticas em Duas Cidades Médias

Urban Structuring, Inequalities, and Differences: Contexts and Analytical Perspectives in Two Medium-Sized Cities

Maria Encarnação Beltrão Spositoⁱ

Universidade Estadual Paulista

Presidente Prudente, Brasil

Igor Catalãoⁱⁱ

Universidade Federal da Fronteira Sul

Chapecó, Brasil

Resumo: A intensificação das diferenças e desigualdades nas cidades brasileiras e entre elas tem apontado para a constituição do processo de fragmentação socioespacial, em particular nas metrópoles, mas também em cidades médias. Este processo é multidimensional e requer diferentes metodologias que deem conta de abarcá-lo nas dimensões do tecido urbano, das práticas espaciais e dos imaginários sociais. Neste artigo, propomos abordar a fragmentação socioespacial em Chapecó/SC e Ribeirão Preto/SP, considerando seus processos de estruturação e a manifestação de suas desigualdades e diferenças. A metodologia que embasou a pesquisa é de natureza qualitativa, relativa à realização de entrevistas com cidadãos, cujas falas são recuperadas a fim de estabelecer cotejamentos e explorar as experiências vividas em suas práticas espaciais e cotidianos. Como resultados, terão sido demonstradas algumas lógicas espaciais de produção do espaço urbano e identificadas formas de diferenciação socioespacial que se distinguem das pretéritas, valorizando as narrativas dos sujeitos.

Palavras-chave: Estruturação Urbana; Fragmentação Socioespacial; Experiências Vividas; Chapecó; Ribeirão Preto.

Abstract: The intensification of differences and inequalities within and between Brazilian cities has highlighted the formation of socio-spatial fragmentation, particularly in metropolises but also in medium-sized cities. This process is multidimensional and requires various methodologies to encompass its dimensions within the urban fabric, spatial practices, and social imaginaries. In this article, we propose to address socio-spatial fragmentation in Chapecó, SC, and Ribeirão Preto, SP, considering their structuring processes and the manifestation of their inequalities and differences. The research methodology is qua-

ⁱ Professora Titular do Departamento de Geografia. beltrao.sposito@unesp.br.

<http://orcid.org/0000-0002-0421-7253>

ⁱⁱ Professor Associado de Geografia Humana. igor.catalao@uffs.edu.br.

<http://orcid.org/0000-0001-9596-7975>

litative in nature, involving interviews with city residents. These interviews are analyzed to establish comparisons and explore lived experiences within their spatial practices and daily lives. The results demonstrate certain spatial logics of urban space production and identify forms of socio-spatial differentiation that differ from those of the past, emphasizing the narratives of the subjects.

Keywords: Medium-Sized Cities; Urban Structuring; Socio-Spatial Fragmentation; Inequality; Socio-Spatial Differentiation.

Introdução

Discutir a relação entre estruturação da cidade, desigualdades e diferenças, no âmbito da produção do espaço urbano, é sempre um desafio, dada a complexidade conceitual que a leitura do processo requer e a diversidade empírica que o envolve. Em particular, quando temos em perspectiva abarcar o desafio de enxergar o detalhe – manifestado no singular e no particular –, porém sem perder a visão do todo, a tarefa é ainda mais árdua.

Nessa direção, o texto tem como objetivo central apresentar um conjunto de ideias que foram desenvolvidas à medida que nos deparamos com o desafio de realizar a investigação relativa ao tema “Estruturação da cidade, desigualdades e diferenças”, como parte de duas pesquisas mais amplas em andamento¹. A proposta é enfocá-lo, tendo como eixo teórico norteador a análise do processo de fragmentação socioespacial a partir de uma perspectiva qualitativa.

O texto está organizado em quatro partes. Na primeira, uma análise das distinções e relações entre desigualdades e diferenças oferece base para a compreensão da natureza complexa do processo de produção da cidade atual, que abarca processos de segregação, autosegregação e fragmentação socioespacial². Em seguida, apresentamos o plano analítico por meio do qual estamos enfocando o processo maior. As escolhas metodológicas feitas são o objeto da terceira seção. As cidades médias escolhidas para a análise – Chapecó e Ribeirão Preto – são apresentadas na quarta seção, na qual também realizamos a análise das entrevistas segundo três perspectivas subsequentes, indo da mais simples (descritiva) à mais complexa (analítica). Para finalizar o texto, apresentamos algumas sínteses.

Diferenças e Desigualdades: Perspectivas Analíticas e de Método

Se colocamos as cidades em perspectiva geo-histórica, tal como faz Soja (2008) ao analisá-las em períodos e características socioespaciais por ele denominados de revoluções, entendemos que a produção da cidade está indissociavelmente ligada à produção da diferença por meio da qual a vida humana se realiza. Isso significa entender a cidade como a expressão concreta do desejo humano de se distinguir a partir de diferentes matrizes linguísticas, culturais, políticas e econômicas. Essa distinção se acopla historicamente às características do modo de produção segundo a forma como ele se consubstan-

cia em cada formação socioespacial, de modo que a intensidade da diferenciação resulta num tipo de cidade que, assim como marca, também reforça a diferenciação social.

Essa compreensão da dialética socioespacial (SOJA, 1993) possibilita entender também a complexidade do processo de produção da cidade, notadamente em relação à transmutação da diferenciação em desigualdade e, por conseguinte, em segregação e fragmentação (CATALÃO, 2013). Ou seja, nem toda diferenciação leva inexoravelmente à segregação, tendo a desigualdade característica do modo de produção um papel significativo a desempenhar.

Sabemos que a produção de desigualdades é condição inerente à sustentação do modo de produção capitalista (SOJA, 1993). Dessa forma, as cidades capitalistas têm expressado desigualdades que se intensificam segundo a formação socioespacial. No contexto brasileiro, por exemplo, em função do modo como tem ocorrido a exploração do território, dos recursos naturais e das populações pelas elites econômicas, do período colonial ao republicano, entender as desigualdades é condição fundamental para compreender a produção da cidade, inclusive no que tange à amplitude e complexidade do processo de segregação (e de autosegregação), em particular em contextos metropolitanos e em cidades médias.

No que se refere particularmente às cidades médias brasileiras, temos verificado, principalmente a partir dos anos 1980, um aumento da articulação de suas economias ao capitalismo, seja pela ampliação dos investimentos nacionais e internacionais no país, seja em função da mundialização, o que tem se desdobrado, por um lado, numa modernização das infraestruturas e dos serviços urbanos e, por outro, numa tendência à segmentação social do espaço em função das práticas de produção e apropriação conduzidas pelas classes médias e elites, pois uma particularidade das cidades médias é de aproximar esses estratos sociais nos mesmos espaços, o que é favorecido pelas menores distâncias e especialmente pelos mais baixos custos de acesso à propriedade e aos serviços, comparativamente às metrópoles.

Nas cidades, a segregação socioespacial pode tomar distintas características, mas está intrinsecamente ligada à intenção de apartar do convívio cotidiano, o máximo possível, determinados grupos sociais por meio da imposição de uma situação residencial desfavorável, não raro periférica. Essa situação se caracteriza: por certa homogeneidade de residentes segundo renda, raça, etnia, cor da pele ou outro aspecto da diferença social que se torna fator de desigualdade; certo isolamento em relação ao conjunto da cidade – posição numa área baixa ou elevada que dificulta a mobilidade, atrás de uma área verde natural ou de reflorestamento, desconectada das vias arteriais principais, com transporte coletivo insuficiente ou mesmo vizinha a muros etc.; imposição de estigmas e marginalização socioterritoriais. Se bem que essa situação, em geral, não impeça a presença desses grupos sociais em diferentes áreas da cidade, ela limita bastante suas práticas espaciais e os acessos aos bens e serviços urbanos.

No Brasil, a segregação de grupos sociais de baixa renda e, não raro, afrodescendentes, é mais importante que a de grupos étnicos ou imigrantes, conforme se vê em países da Europa e da América do Norte. Muitas vezes, não há uma política explícita de segregação – como foi o caso do *apartheid* sul-africano ou das políticas de habitação que implantaram conjuntos habitacionais para populações de baixa renda fora da cidade –,

mas uma ação implícita por parte do poder público e das elites de deixar esses grupos sociais à margem a fim de que acabem submetidos a uma condição da qual não conseguem escapar – ocupando encostas de morros ou à beira de cursos d’água ou vias de circulação de alta velocidade, por exemplo.

Os grupos sociais de mais alta renda, com a intenção de evitar a convivência, proteger-se contra a violência urbana, real ou representada (SPOSITO; GÓES, 2013), ou reconectar-se à natureza, ainda que esses discursos possam estar camuflados ou enviesados, também têm recorrido às estratégias de fechamento de seus espaços residenciais. Alguns autores, como Sposito e Góes (2013), têm denominado esse processo de autossegregação, adotando a terminologia proposta por Corrêa (1986), na intenção de indicar o desejo de se fechar, separando-se do conjunto da cidade. Aqui a lógica não é mais a de isolar os grupos indesejáveis num determinado lugar, mas se separar do todo que passa a ser visto como indesejado. É evidente que, para esses grupos sociais mais abastados, o cerceamento da liberdade e a impossibilidade de apropriação da cidade não está posto como para os grupos aos quais a segregação tem sido imposta.

Do ponto de vista da estrutura da cidade, temos a coexistência espacial das distintas lógicas espaço-temporais, o que significa que nem sempre é possível ou mesmo necessário promover fechamentos de bairros inteiros, construir grandes muros ou deslocar populações para outros bairros. Em cidades menos densas ou passíveis de crescimento territorial, a dispersão urbana pode ser utilizada como meio de produzir a segregação ou a separação residencial e de espaços de consumo mais de acordo com os interesses das elites (CATALÃO, 2013). Vejam-se as localizações não apenas periféricas, mas apartadas do tecido urbano consolidado de alguns empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida³ recentemente implantados ou os espaços de consumo ou residenciais fechados completamente construídos às margens de uma rodovia em plena área rural. Em cidades mais densamente ocupadas, por outro lado, onde há limitações à dispersão urbana, há uma associação entre as práticas segmentadas e estratégias menos explícitas de apartação que a segregação tradicional.

Estamos, portanto, diante de uma tendência de ruptura da histórica característica da cidade como espaço de convivência, coexistência e partilha, mesmo que tensa, algo próximo da metafórica ideia de uma “guerra de todos contra todos” mencionada por Low e Smith (2008), embora não se trate, ao menos não na maior parte dos casos, de conflitos armados diretos⁴. O que está em questão é a constituição paulatina do processo de fragmentação socioespacial, que questiona a unicidade orgânica da cidade (PRÉVÔT-SCHAPIRA, 1999) e sua condição de mediar a sinergia criativa necessária ao devir da humanidade (SOJA, 2008). Assim, usamos o termo fragmentação em referência à degradação do elã social da cidade nas dimensões do tecido urbano, das práticas espaciais e dos imaginários sociais (MAGRINI; CATALÃO, 2017).

Embora tradicionalmente associada aos contextos metropolitanos, em função da maior complexidade destes e de uma mais visível presença de características no tecido urbano – grandes espaços residenciais fechados, espaços segregados, rodovias cortando o tecido urbano, grandes equipamentos de uso coletivo privado etc. –, a fragmentação socioespacial não se restringe a esses contextos nem é um processo de fácil identificação e análise, por ser multidimensional (SPOSITO; SPOSITO, 2020).

Antes de passarmos ao plano analítico eleito, ainda convém chamar a atenção para a importância das políticas neoliberais⁵ na produção da cidade contemporânea, pois elas reforçam as condições de realização da fragmentação na medida em que propagam, por um lado, a liberdade individual de escolha dos cidadãos e, por outro, desresponsabilizam o Estado pelos bens, serviços e infraestruturas comuns, o que favorece a ampliação da desigualdade urbana na qual o processo em tela se apoia.

Cotidianos e Práticas Espaciais como Plano Analítico

Dois conceitos importantes para a leitura da urbanização contemporânea intitulam esse plano analítico⁶. As interfaces entre eles exigem esforço de distinção, tanto quanto de reconhecimento das possibilidades de, por meio da articulação entre eles, contribuir à leitura das diferenças e desigualdades socioespaciais atuais.

Segundo Lefebvre (1991), desde o século XIX, tomando como referência a Filosofia, a reflexão deslocou-se do plano da especulação em direção ao da realidade, aproximando-se da vida real e prática. Para este autor, o cotidiano, no que ele tem de trivial, é composto de repetições – lineares ou cíclicas, relativas ao tempo da natureza ou da racionalidade –, mas, de outro lado, ao observá-lo como atividade produtora de objetos ou de obras, oferece a oportunidade de capturarmos a transformação, seja ela gradual ou por saltos. Desse ponto de vista, em uma pesquisa voltada à compreensão da estruturação da cidade e, por conseguinte, das alterações de intensidade e conteúdo das desigualdades e diferenças, pareceu-nos adequado tomar como referência o conceito de cotidiano.

Este conceito adequa-se à compreensão de vivências e de seus significados. Embora muitos autores o adotem para estudar os indivíduos, a nós essa ferramenta teórica interessa como possibilidade analítica da sociedade. Heller (2000) frisa que o cotidiano é atinente à vida de todo ser humano e, deste ponto de vista, ele é única, ao mesmo tempo em que particular e genérico, no sentido de o cotidiano de um sujeito representar o dos outros da mesma sociedade, associando a vida cotidiana ao acontecer histórico. Para esta autora, a “estrutura da vida cotidiana” pode ser caracterizada por alguns traços⁷ de *espontaneidade*, o que pode parecer contraditório com a ideia de repetição a que se associa.

Entre os demais traços destacados por Heller, alguns são trazidos aqui, uma vez que auxiliam na justificativa das escolhas metodológicas explicitadas na próxima seção: *probabilidade*, *pragmatismo*, *ultrageralização* e *imitação*, havendo entre eles necessariamente relações.

Assim caracterizado, o cotidiano, como ferramenta conceitual para compreender a urbanização e as cidades, pareceu-nos que ganharia potência se fosse associado a outro conceito – práticas espaciais – para que a espacialidade e a temporalidade das formas de uso e apropriação da cidade pudessem ser mais valorizadas.

A compreensão das práticas espaciais é, assim, indissociável do cotidiano e atravessa a dialética da tríade proposta por Lefebvre (2000) para compreender a produção do espaço urbano, ao se relacionar às dimensões do percebido e, em grande parte, orientar o espaço de representação (vivido).

A partir dessa perspectiva, o conceito de práticas espaciais⁸ é relevante para apreender o cotidiano, porque o plano do espaço percebido e do vivido são marcados pelos

traços destacados por Heller para caracterizar o cotidiano, com o adicional que possibilitam revelar, como destacou Souza (2013), a dimensão espacial das práticas sociais.

Para Sposito e Sposito (2017) e Sposito e Góes (2022), as práticas espaciais são contínuas: do possível (dificilmente podem ser completamente previstas, controladas ou monitoradas); do orgânico (têm relação com as atitudes da vida, sendo orientadas por decisões e razões, mas também por sentimentos e instintos); do pensado e do inusitado (são capazes de se orientar pela razão, mas também de subvertê-la); de lógicas (nem sempre submetidas às normas e regras).

Desse ponto de vista, as práticas espaciais devem ser pensadas tanto a partir das razões que levam os sujeitos a fazer dadas escolhas, mas também, como propõe Lindón (2006, p. 357), em seus “contextos intersubjetivos”, o que justificará as escolhas metodológicas detalhadas a seguir.

Escolhas Metodológicas

Do ponto de vista da pesquisa urbana e, em particular, da Geografia, houve a tendência a produzir leituras generalistas da realidade, principalmente embasadas em dados estatísticos. A compreensão dos sujeitos sociais foi incorporada bem mais tardiamente a partir de uma compreensão de ciência mais modesta, ciente dos seus limites e cujas leituras da realidade são feitas de modo circunscrito às problemáticas (TURRA NETO, 2012).

Como já exposto em Góes *et al.* (2022), embora seja necessária a análise da fragmentação socioespacial a partir de uma multiplicidade de recortes e procedimentos metodológicos a fim de abarcar a complexidade do processo, fizemos a escolha de dar voz aos sujeitos de maneira a nos possibilitar tratar, de modo mais adequado, das práticas espaciais e dos imaginários sociais. Isso significa executar procedimentos qualitativos, cujo resultado é a produção de um conteúdo em forma de texto narrativo oriundo da interação entre pesquisador e pesquisado e das interferências decorrentes. Esses procedimentos não se pretendem estatisticamente representativos, já que seu objetivo central é captar as falas dos sujeitos, o que não é possível ao se trabalhar com grande número de pessoas.

As entrevistas com cidadãos foram, portanto, o meio selecionado para obter as informações que, intencional e coordenadamente pelos pesquisadores, possibilitassem também abarcar as subjetividades dos entrevistados. Os critérios escolhidos para identificá-los, conforme explicado em Góes *et al.* (2022) e Sposito e Catalão (2024) foram os seguintes: locais de residência ([peri]centrais ou periféricos); tipologias habitacionais (conjuntos habitacionais, loteamentos populares, bairros residenciais tradicionais, edifícios, espaços residenciais fechados, áreas de ocupação irregular); gênero (homem ou mulher); e perfis etários (jovens de 18 a 29 anos, adultos de 30 a 59 anos e idosos acima de 65 anos). A distribuição dos entrevistados resultou do cruzamento entre esses critérios e numa quantidade de mais de 35 entrevistados por cidade.

Esse cruzamento entre perfis de pessoas e locais de habitação possibilitou açambarcar uma relativa diversidade em termos do universo de cidades pesquisadas e realizar comparações entre elas⁹.

As entrevistas foram realizadas, majoritariamente, por meio de trabalhos de campo nas cidades da pesquisa. Estes trabalhos também foram necessários para obter dados e observar fenômenos, o que auxilia na atividade de comparação entre os diferentes contextos e sujeitos pesquisados. Em função da pandemia de Covid-19, entretanto, parte delas precisou ser feita de modo online, em particular com pessoas de mais alta renda, moradoras de áreas centrais e espaços residenciais fechados, conforme detalhado em Góes *et al.* (2022).

As entrevistas basearam-se num roteiro elaborado a partir das dimensões empíricas da vida urbana (habitação, consumo, lazer, trabalho e mobilidade) e foram gravadas com a concordância dos participantes para posterior transcrição. No momento de realização, houve uma orientação geral introdutória para explicar os objetivos da pesquisa, a necessidade de gravação e transcrição, respeitando a não identificação das pessoas.

Para fazer a leitura das entrevistas, foram necessários cuidados para garantir uma análise dirigida com base nos objetivos da pesquisa, mesmo sendo sempre possível, durante a leitura, identificar aspectos que não estavam explícitos na elaboração do roteiro.

Para a análise dos conteúdos das entrevistas, recorreremos à proposta desenvolvida por Breton (2022) e adaptada por nós (SPOSITO; CATALÃO, 2024) a fim de contemplar a preocupação com a temporalidade dos fatos e sua espacialidade assim como a natureza das experiências vividas e as inferências feitas pelos entrevistados. Trata-se, portanto, de elucidar aspectos importantes à análise sem procurar focar em algo que poderia apenas reforçar ideias preconcebidas.

O autor desenvolve a proposta para análise dos conteúdos das entrevistas em três categorias: temporal, experiencial e inferencial. A primeira foi por nós adaptada para espaço-temporal, de forma a valorizar também a dimensão espacial inerente às práticas.

Breton (2022), em relação à categoria temporal, destaca a necessidade de reconhecimento da estrutura temporal da narrativa do entrevistado de forma a ser possível apreender os fatos narrados numa sequência, sem desconsiderar desdobramentos diacrônicos potencialmente designativos de escalas do vivido e intervalos.

A categoria experiencial proposta por Breton (2022) tem foco nas experiências vividas e repercussões delas conforme o nível de importância na narrativa do sujeito. Nossa atenção volta-se à vida cotidiana e o que sobre ela é enunciado (ritmos, repetição, inércia, transição etc.). Para o autor, o pesquisador pode, com essas observações, notar persistências, tendências, intensidade das mudanças e naturalização de fatos e ações.

A categoria inferencial é a que possibilita, no entender de Breton (2022), alcançar as interpretações dos entrevistados que associam fatos, seja de modo mais claro, seja por meio de associações mais obscuras que tensionam a narrativa e demonstram aspectos sensíveis da experiência deles. Trata-se de uma categoria que favorece a observação de explicações ou críticas às lógicas ou estruturas espaciais bem como a explicitação de posições políticas. Como os entrevistados e suas narrativas são diversos, nem sempre atitudes analíticas ou críticas comparecem, mesmo nos casos dos entrevistados que residem em habitats populares, mais abertos a apresentá-las.

Nas próximas seções, duas cidades serão apresentadas em suas semelhanças e diferenças e, a partir delas, são propostas análises das entrevistas realizadas em ambas com base nas categorias supra-apresentadas.

Linhas do Tempo Paralelas, Diacrônicas e Entrecruzadas

A comparação entre Chapecó¹⁰ e Ribeirão Preto¹¹ possibilita reconhecer paralelos em suas linhas do tempo, embora a diacronia seja marcante quando o cotejo é realizado. As duas cidades têm suas histórias fortemente associadas à produção agropecuária, como já explicado, embora as formações socioespaciais em que se inserem sejam diferentes e os momentos em que as cidades se constituem e se desenvolvem economicamente não sejam os mesmos.

Chapecó comanda uma região formada principalmente por pequenas cidades e pequenas propriedades rurais que têm alimentado a produção agroindustrial desde o final dos anos 1950. A partir dos anos 1980, tem havido forte ampliação das indústrias de transformação alimentícia de carne suína e avícola assim como de ração animal, com aquisições de empresas menores pelas maiores, com destaque para a Aurora Coop e a CooperAlfa, assim como as indústrias de embalagens e de armazenamento e transporte frigorífico.

Ribeirão Preto tem sua origem diretamente associada à expansão do complexo cafeeiro paulista que, desde a segunda metade do século XIX, ocupou o estado de São Paulo e criou as bases para a industrialização paulista a partir da década de 1920. Em 2020, a região comandada por ela foi responsável por uma produção agropecuária de mais de cinco bilhões de reais, com destaque para a cana de açúcar, que corresponde a 68,5% deste total¹². Esse perfil agropecuário tem rebatimento no perfil industrial da cidade, em que 58,8% correspondem ao ramo da indústria alimentícia.

No que se refere a Chapecó, prevalece uma percepção de cidade que progride, cujo movimento econômico recente pode ser facilmente descrito. Dois entrevistados cujas falas serão apresentadas são moradores há muitas décadas na cidade e têm ascendentes na família que participaram da renovação promovida a partir dos anos 1950/1960 quando da instalação das primeiras agroindústrias. Suas histórias de vida se entrelaçam com o desenvolvimento da cidade e eles leem as transformações como mudanças para melhor, mesmo que sejam capazes de pontuar problemas.

Tainara, 44 anos, cuja renda é de cerca de 100 mil reais mensais, nasceu no Rio Grande do Sul e veio ainda pequena com a família que iniciou um pequeno negócio de embalagens plásticas que cresceu em função da demanda gerada pelas agroindústrias. Quando perguntada sobre seu futuro e sobre as mudanças na cidade, responde¹³:

Olha, eu gosto muito de Chapecó, realmente vejo meu futuro aqui, não tenho perspectivas e nem vontade de sair de Chapecó, **eu acho que uma cidade que está crescendo muito e que já dá para gente um conforto**. Prosperou muito em 10 ou 15 anos e traz com a gente o conforto e a segurança de uma cidade grande. Agora, por exemplo, o aeroporto já está funcionando bem, então todas essas possibilidades também de sair quando você quer, são facilitadas, **ao mesmo tempo você está numa cidade que seria considerada do interior, mas que não é tão interiorana quanto tantas outras que a gente vê**. Eu realmente gosto de Chapecó e quero permanecer aqui. [...]

Nossa, **a população, acho que cresceu demais**, é incrível assim quando a gente olha para fora. Eu por exemplo, quando nós viemos morar em Chapecó na verdade [...], não tinha um terço das casas que tinha há 25 anos atrás. Agora quando você olha pra lá e vê tudo aquilo ali. É uma coisa que meu marido gosta de fazer de vez em quando, porque ele nasceu em Chapecó, nasceu, cresceu e sabe de toda a história de Chapecó. O pai dele foi o terceiro médico a vir pra cá. [...] Eu acho que a população é uma coisa que me chama muita atenção, outra coisa que me deixa bastante feliz agora são as universidades chegando aí, federal, tantas outras que estão se criando aí, e que progridam, porque isso também traz bastante gente. **O que eu espero é isso, que Chapecó seja realmente um foco de grandes negócios, de grandes empreendedores, que cresça, que comece a aparecer no mapa.**

Rodrigo, 53 anos, com renda mensal de cerca de 10 mil reais, comenta:

Olha, acho que está melhor, tem shopping, tem cinema, três ou quatro salas de cinema, você tem opções de alimentação e restaurantes diferentes, tem comida japonesa para quem gosta, pizzarias das mais diversas, e hotéis ótimos como tinha antigamente, tem hospitais, tem hospitais regionais ótimos, tem o SUS, tem o hospital da Unimed. [...] Meu pai foi um dos re-fundadores da cidade, ajudou a criar a cidade, a criar a igreja, a [Associação] Chapecoense [de Futebol], o hospital Santo Antônio, onde é a Unimed, eu nasci lá. A gente tem faculdades, não sei quantas, já me falaram 40 ou 50, ensino a distância, enfim... Há 50 anos atrás foi fundada a Unochapecó, [...] tem a UFFS, uma federal que admite as pessoas que têm boas notas no Enem, sem vestibular. [...] Então acho que a parte de saúde e educação evoluiu muito, acho que o aspecto urbano a gente tem estádio, está faltando um complexo esportivo maior, que tem uma estrutura muito ultrapassada, tem um centro de eventos muito bom, então acho que tudo isso melhorou. Eu diria que negativo, foi rápido a liberação de construção de mais de 12 pavimentos, isso aconteceu há cinco anos atrás, num lobby das construtoras junto com a câmara de vereadores aprovaram a construção, hoje tem orçamentos aí para a construção de 40 andares. [...] **Mas de modo geral creio que a maioria das coisas, sem contar espaços públicos e ciclovias, e o trânsito que tem, acho que a maioria das coisas melhoraram.**

No caso de Ribeirão Preto, grande parte dos entrevistados nasceu na cidade ou na própria região, mas há também os que vieram de Minas Gerais, do Nordeste brasileiro ou mesmo da capital do estado. A alusão à riqueza da região, apareceu com frequência, sendo que alguns entrevistados se referem a este aspecto como possibilidade de trabalho, outros como uma narrativa que levou a cidade a receber imigrantes em demasia, evidenciando e justificando desigualdades socioespaciais:

[...] há uns anos atrás, não sei em qual jornal, mas saiu que aqui era a **Califórnia brasileira**. E o povo começou a vir para a cidade e também por causa do desemprego, eu não acho que é só por causa do desemprego, acho que é mais

por causa de drogas mesmo. Esse lugar que a gente vai visitar de quarta-feira à noite é bem no centro em frente à rodoviária, tem muito, ali naquele pedaço tem muita gente de rua, que dorme nas praças, a maioria deles são todos drogados, **então ficou uma cidade grande, ficou uma cidade interiorana, mas uma cidade bem grande, que tem tudo** (Rosalinda, 68 anos, aposentada, moradora das imediações da Avenida Fiúsa, no sul de Ribeirão Preto).

Maurício, 40 anos, tem renda mensal de dois salários-mínimos. Embora formado em História e com mestrado concluído, trabalha de caixa num restaurante. Mora no bairro Alto da Boa Vista, situado bem a sudoeste do centro. Ao ser perguntado sobre as mudanças ocorridas na cidade nos últimos 10 anos, estabeleceu paralelos entre sua linha do tempo e a da cidade, afirmando que:

[...] tem uma memória muito afetiva com a cidade, eu gostando dela ou odiando Ribeirão Preto, minha vida está aqui. **Grande parte da minha vida, então seria até uma loucura, se não fossem as minhas referências de memórias, se elas não estivessem aqui.**

No entanto, ao mesmo tempo, revelou que as transformações foram muitas:

Eu tenho achado a cidade feia, eu acho que essas mudanças do ponto de vista econômico, por exemplo, **Ribeirão sempre foi uma cidade muito rica**. Mas eu acho que a riqueza acumulada nos últimos anos...

Ribeirão sempre teve essa coisa progressista, sempre se louvou o moderno. Eu sempre leio muito...

Ribeirão pretano tem muito disso. Aqui, o novo é o legal. E, para mim, o novo não necessariamente é o legal. Desse ponto de vista eu acho muito foda esses prédios da mesma cor, tudo com a mesma fachada. [...]

Não sei se vocês conhecem muitos ribeirão pretanos, mas a maioria de ribeirão pretanos, quando você conhece, a primeira pergunta que a pessoa te faz é: "Ah, mas quem que é sua família? Qual é seu sobrenome?" **Isso é muito comum aqui. Essa coisa ainda do patronato, um tipo de patronato, um tipo do mando do coronel. Parece aquele ditado da porteira da fazenda, só que a porteira é ladrilhada e bonitinha, mas os hábitos não se modificaram muito.**

A cidade está virando uma coisa plasmada em uma coisa só. A identidade visual da cidade, eu acho que toda cidade quando você chega no interior de São Paulo, cidade de médio porte, eu lembro que ano passado fui para Bauru visitar um amigo meu, as entradas das cidades são todas iguais.

São muitos os elementos trazidos por Maurício, entre os quais destacamos: a origem da cidade vinculada à produção rural, que permanece nas condutas e visões de seus

moradores; a tendência à produção de espaços cada vez mais homogêneos, reforçando a produção de uma paisagem estandardizada nas cidades contemporâneas; a permanência das referências ancestrais, por meio da valorização dos nomes de famílias.

Considerando os aspectos destacados nessa seção do texto, podemos observar que, à parte a diacronia entre as linhas do tempo das duas cidades, há semelhanças nas representações que sobre ela são feitas por seus moradores. A oposição entre o homogêneo e o heterogêneo revela-se em múltiplos olhares, oferecendo nuances sobre o processo de produção do espaço urbano e sobre os imaginários que são elaborados sobre as duas cidades.

Da Lógica Centro-Periférica à Lógica Fragmentária

A categoria experiencial proposta por Breton (2022) possibilitou-nos agrupamentos de narrativas, associadas às escolhas feitas pelos entrevistados, relativamente ao consumo e ao lazer, que mostram diferenças grandes entre as duas cidades. Valorizamos, para fazer o agrupamento das narrativas, três aspectos destacados por ele: repetição, aceleração e transição, na direção de observar as mudanças, sejam elas rápidas ou graduais.

Chapecó caracteriza-se por uma lógica prevalentemente centro-periférica, enquanto Ribeirão Preto já revela elementos mais claramente associados à centralidade poli(multi)cêntrica (LEFEBVRE, 1999; SPOSITO, 1999) que aponta com mais evidência para uma lógica fragmentária.

Num primeiro momento, essas diferenças entre as duas cidades poderiam ser explicadas com base em dois fatos: 1) suas linhas de tempo são diferentes e se poderia pensar que Chapecó poderá ainda transformar-se, passando de uma cidade mais monocêntrica para uma poli(multi)cêntrica, inclusive porque existem centralidades periféricas em desenvolvimento paulatino, assim como projetos para desenvolver outras áreas da cidade; 2) Chapecó é menor demográfica e territorialmente, o que ajuda a explicar porque se mantém mais centro-periférica, enquanto Ribeirão Preto, pelo tamanho, pôde passar por transformações mais importantes na estrutura espacial.

As duas representações cartográficas que se seguem (Figuras 1 e 2) já mostram as diferenças nas estruturas espaciais das duas cidades. No que concerne à concentração das famílias que têm renda mensal superior a 20 salários-mínimos, no caso de Chapecó, é visível a posição em torno do centro, embora um pequeno quadrante apareça no setor oeste, correspondente à parte do bairro Efapi que se situa nas imediações da avenida Atílio Fontana onde tem havido, na última década, aumento da concentração de comércio e serviços assim como substituições de construções antigas por novas estruturas, maiores e mais modernas.

No caso de Ribeirão Preto, essa concentração, que já esteve em bairros pericentrais até os anos de 1980-90, está notoriamente no setor sul, onde também se encontra a maior parte dos espaços residenciais fechados, que são numerosos, ao contrário de Chapecó, que ainda apresenta pouco este tipo de habitat, estando os mais antigos deles situados fora do perímetro urbano e servindo principalmente como segunda residência.

Reforçando essa tendência, em movimento oposto ao destacado, em Ribeirão Preto, os mais pobres estão no setor norte e oeste predominantemente, tanto quanto as áreas residenciais do Programa Minha Casa Minha Vida. Em Chapecó, tanto as famílias que ganham entre $\frac{1}{2}$ e 3 salários-mínimos quanto as áreas residenciais que resultaram dos

investimentos deste programa estão distribuídas por todo um anel periférico que compreende praticamente os quatro quadrantes da cidade.

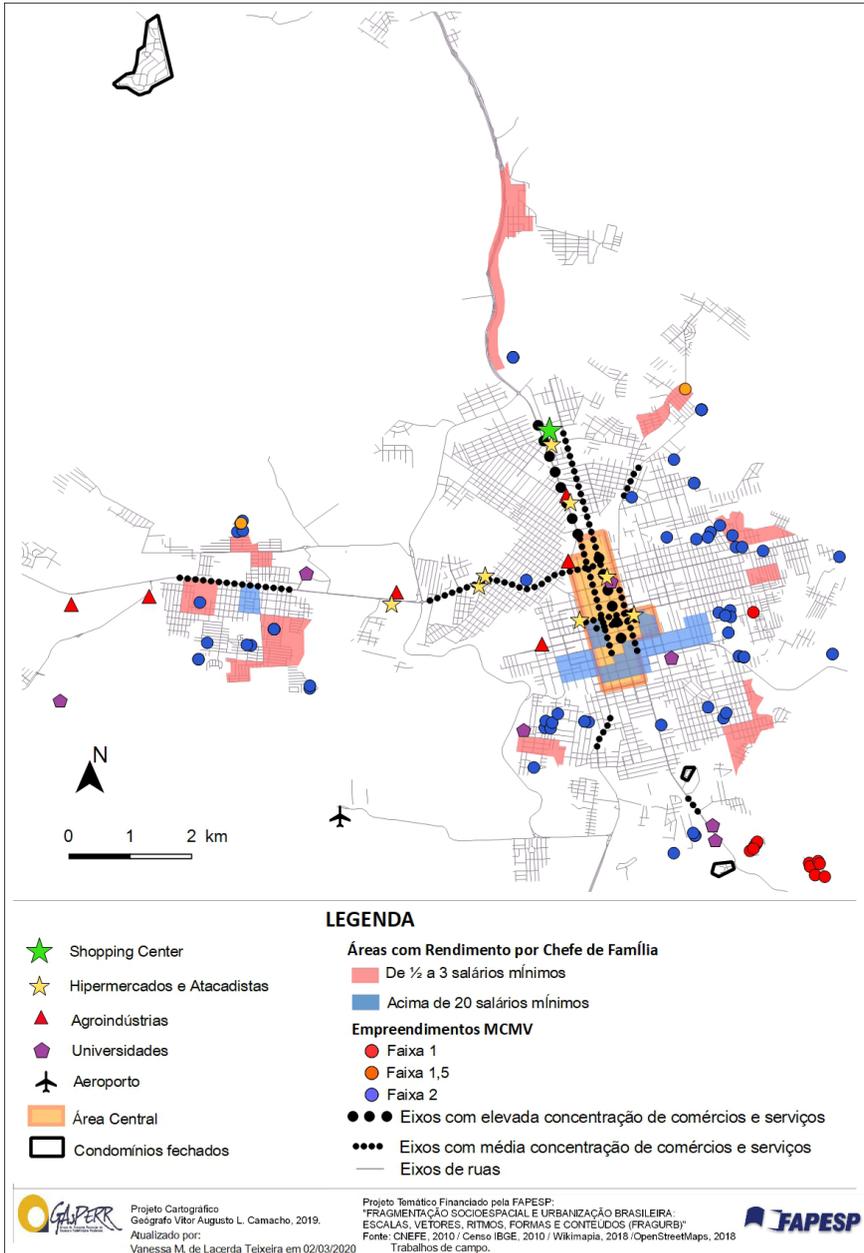


Figura 1 – Chapecó, mapa-síntese, 2019.

A disposição das atividades comerciais e de serviços em Chapecó alonga-se a partir da área central, no sentido norte e oeste, onde estão os hipermercados e atacadistas e o *shopping center* localizado relativamente próximo ao centro principal. Ainda que seja observada a presença de eixos que caracterizam subcentros (principalmente no bairro Efapi a oeste), o que possibilita identificá-la como multicêntrica, a cidade resta comandada pelo centro principal, que ainda dispõe de grande prestígio junto à população, inclusive a de mais alta renda.

A fala de Tainara já citada, expressa isso:

Todos os dias [vou ao centro], porque nós almoçamos sempre por ali. Nós almoçamos no Panela [de Ferro] que é ali no calçadão, ou no outro na avenida [Getúlio Vargas]. **Todos os dias na verdade. Eu passo na avenida para dar uma averiguada se está tudo bem** [risos].

E sobre passeios no centro, ela acrescenta:

Sim [vamos], às vezes sim, porque *é gostoso mesmo no fim de tarde, dar uma caminhada por ali, mas nós íamos com frequência até..., uma vez ou duas por semana, nós saímos por ali, para dar uma olhada em tudo que fica aberto, comércio até mais tarde, mas agora não estamos indo [em função da pandemia]*.

Rodrigo, já mencionado, reforça essa relação com o centro ao mesmo tempo em que nega a ida ao *shopping center*:

[Vou ao centro] diariamente, desde ir na feira, na quarta e no sábado, costumo ir no mercado público que fica perto do hotel, a atividade do hotel, que eu atendo lá, abrir e-mail, pagar conta que ainda vem, Outlook e Express fica lá, eu acesso por lá, minha mãe mora no centro e eu visito um dia sim e um dia não, o mercado, que **eu costumo ir lá no centro**, enfim, tem atividades diárias, posto de combustíveis que a gente usa no centro, todas nossas atividades são mais voltadas para o centro mesmo. [...] **não sou de ir muito ao shopping, muito pouco.**

Quando deslocamos as falas para os moradores da periferia, a relação com o centro mantém-se, como seria mais esperado. Nina, 22 anos, moradora do bairro Bom Pastor, um antigo bairro resultante de deslocamento de populações pobres do centro e que tem estigmas de segregação associados, destaca:

Basicamente quando **a gente precisa comprar alguma coisa é no centro que a gente vai**, aqui no Bom Pastor não tem muito mercado assim, tem um mercadinho só de família, muito pequeno, então, até para ir ao mercado a gente só vai no centro. E **aí se for para ir em alguma loja ou comer alguma coisa, sempre é no centro também.** [...] Para mim é muito difícil [ir ao shopping] porque é do outro lado da cidade, né? Aí... até vou assim, mas é bem difícil. Antes da pandemia eu ia ao cinema, de vez em quando, e aí do cinema a gente já comia

lá e tudo né? Aproveitava mais. Mas depois da pandemia parei de ir, não, não frequentei mais.

Em Ribeirão Preto, no que concerne à constituição da centralidade urbana, outras tendências são notadas: os super e hipermercados estão relativamente bem distribuídos no conjunto da cidade, aos quais se associa o consumo mais rotineiro de abastecimento doméstico; os *shopping centers*, espaços atualmente associados ao consumo de bens e ao lazer, concentram-se no quadrante sul, onde estão as famílias de renda mais elevada, à exceção de um menor que está na área central; os eixos onde há concentração de estabelecimentos do chamado setor terciário prolongam-se do centro em direção ao sul, embora a densidade demográfica seja maior no setor norte.

Esses movimentos que orientam hoje a estruturação espacial de Ribeirão Preto, efetivamente uma reestruturação, no sentido dado por Soja (1993), já que há sobreposição da lógica espacial pretérita, a centro-periférica, pela atual, poli(multi)cêntrica e fragmentária, ajudam a compreender porque, nas falas dos entrevistados, apareceu com frequência a oposição entre o norte e o sul da cidade.

Maria Rita, 66 anos, moradora de espaço residencial fechado, localizado no quadrante sul da cidade, quando perguntada onde mais moraria em Ribeirão Preto, mostrou claramente a distinção socioespacial que atribui a esse setor, uma vez que suas possíveis escolhas recairiam sobre ele:

Sim, tem outros condomínios aqui, eu gosto daqui, mas tem outros condomínios aqui. Aqui perto de onde eu moro tem muitos, [...] têm condomínios ótimos aqui na região, **eu moro na região sul e aqui é o melhor lugar de Ribeirão para se morar**, porque tem muitos condomínios, condomínios seguros e bons.

Quando indagada sobre onde não moraria, citou não apenas o setor norte, onde predomina os estratos mais pobres, como o centro da cidade, reforçando sua representação negativa sobre o que não compõe o sul da cidade:

Tem muitos, eu não gostaria de morar no Ipiranga, nem perto do Aeroporto, eu não gostaria de morar no Centro da cidade em apartamento, tem muitos lugares aqui que são péssimos, ruins.

Camila, 20 anos, babá, estuda sozinha, nas horas vagas, para tentar ingressar numa faculdade de Medicina Veterinária. É moradora do bairro Valentina Figueiredo, mas antes habitava na Comunidade Simioni, ambas no setor norte da cidade. Olhando para a cidade, a partir da periferia, ela destaca:

[...] nós estávamos estudando uma matéria que falava sobre isso, eu não lembro direito o que era, mas estávamos falando de favela e o povo começou a ter umas ideias muito nada a ver, e eu morava na favela e eu falava “Gente, não tem nada a ver isso, porque é super tranquilo, não tem nada disso que o povo fica falando”, acho que cada uma varia, mas a que eu morava era bem tranquila, extremamente tranquila e aí eu falei “Não é bem assim”, **o povo achava que as pes-**

soas andavam na rua com fuzil, com não sei o que, obrigando as crianças a venderem não sei o que, e não tinha nada a ver. Eu peguei e falei que não tinha nada a ver, a professora falou “Calma, tem uma pessoa que é moradora de lá”, aí pronto, todas as atenções viraram para mim. **O povo perguntava se meus pais vendiam drogas, se eu comia, se a minha casa era de palha, se minha casa era de madeira**, e eu falei “Minha casa é normal, é de tijolos, é de cimento” e nessa época eu acho que a gente já tinha carro.

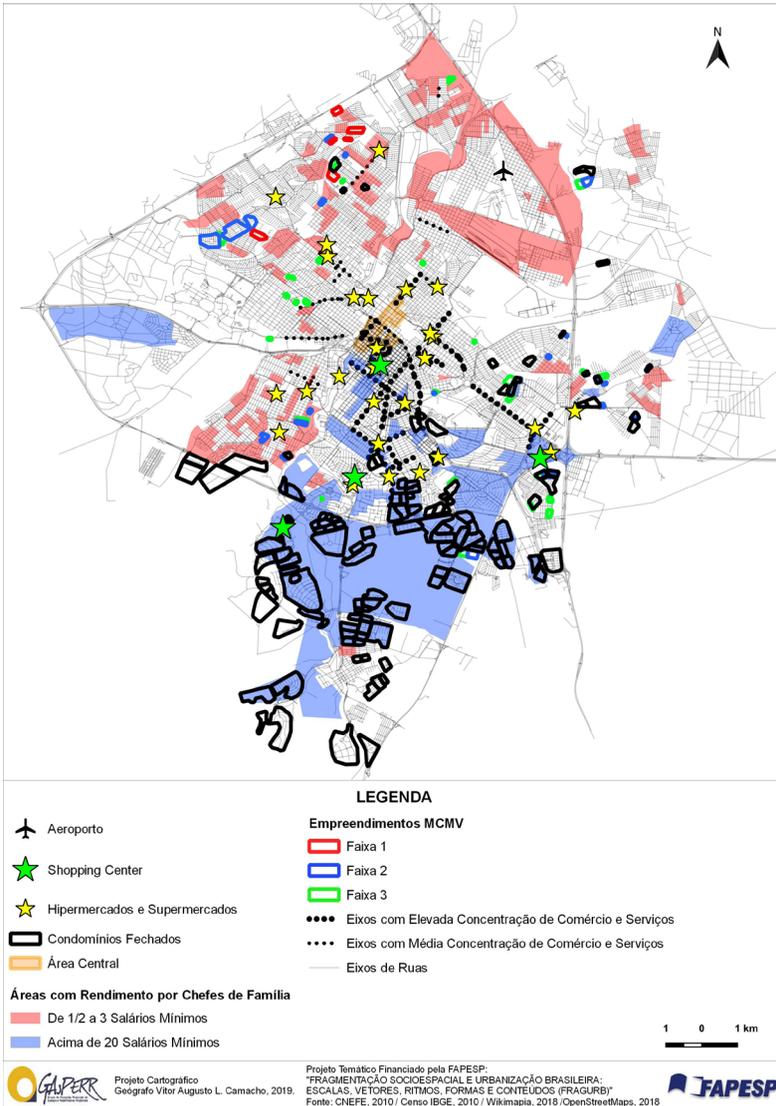


Figura 2 – Ribeirão Preto, mapa-síntese, 2019.

Cleiton, 26 anos, fotógrafo, também mora no setor norte da cidade, no conjunto habitacional Avelino Alves Palma e frisou:

Eu estudava no centro, então as referências eram que aqui, por ser Zona Norte, era um lugar perigoso, o pessoal tem muito essa visão, para quem é de lá. **Tem um pouco essa visão por ser um lugar da Zona Norte**, onde você vai às vezes você vê biqueira, você vê um pouco de bagunça, às vezes acontece muito disso, mas eu acho um bairro muito tranquilo, por mais que seja assim... às vezes acontecem algumas coisas em relação a roubo, mas é bem raro porque querendo ou não, por ter muito ponto de venda de drogas, os caras não gostam que aconteça muito essas coisas. Também teve um lance, acho que há duas semanas atrás, que mataram um cara em uma mercearia daqui de trás. **Então, por mais que seja um bairro tranquilo, é um bairro meio...**

Quando indagado sobre a existência de espaços residenciais fechados foi peremptório:

Por um lado, eu acho que é um lance legal, por ser uma segurança, mas eu acho que segrega muito, **fica muito eles ali, se fechando para poder deixar o mundo “se ferrar”**.

Em Chapecó, não há essa clivagem muito significativa por não haver, no tecido urbano, uma concentração de habitats precários e populações pauperizadas em determinado quadrante, como ocorre em Ribeirão Preto. Quando ela existe, associa-se apenas a determinados bairros, normalmente oriundos de programas sociais de deslocamentos de populações favelizadas da área pericentral que acabaram passando por processos de segregação socioespacial após a implantação, em particular os bairros São Pedro e Bom Pastor no setor leste, Belvedere e Vila Rica no setor norte, Progresso no setor sul e Efapi no setor oeste. Este último, oriundo de processos de alocação de trabalhadores das agroindústrias, está deslocado da mancha urbana principal, conformada pelo centro e seus bairros anexos, e, como contém uma centralidade comercial e de serviços importante, inclusive uma subprefeitura, muitas vezes é visto como separado da cidade. Vejamos o que respondem os moradores já citados de Chapecó ao serem perguntados sobre onde não morariam na cidade:

Deixa eu pensar. Eu acho que eu **não moraria no bairro da Coca [Cola]**, dizem que é o bairro da Coca [bairro Belvedere]¹⁴, eu acho muito longe, e *não moraria no São Pedro por ser muito arriscado*, acho que só esses dois [Tainara].

Acho que no Efapi, não moraria, sei lá, não é um bairro muito legal, lá não moraria [Rodrigo].

[Efapi] **Porque é muito longe, assim é outra cidade, eles ficam isolados lá.** [...] Eh... lá também tem um histórico assim de ser de criminalidade e tal, mas não é esse o principal problema, só porque eu não saberia me virar lá, quem mora lá,

faz tudo lá, porque é um bairro tão grande que tem tudo lá, eles não vêm pra cá, pro centro e tal e, aí eu não sei se me adaptaria pra viver lá [Nina].

Um outro entrevistado, Túlio, 37 anos, morador de um empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida faixa 2 no setor sul, ao ser interposto com a mesma questão, comenta:

Eu acredito que nos bairros lá perto do Trevo, *lá na Coca Cola* [Belvedere], onde o pessoal do Costão do Santinho vai construir um parque aquático, vão investir 5 bilhões na cidade, mas fica bem longe aqui do centro¹⁵.

O Olhar Crítico sobre a Cidade

A interpretação sobre a realidade urbana contemporânea, na direção de contemplar a categoria inferencial, proposta por Breton (2022), apareceu com maior evidência nas entrevistas realizadas com moradores da periferia urbana. A partir desta categoria, o foco recai, como destacado, sobre interpretações que foram feitas pelos entrevistados, por meio das quais eles associaram fatos e apresentaram explicações interpelativas, que mostram tensões em relação às experiências vividas por eles.

Em Chapecó, as falas acerca dos espaços públicos associados ao lazer são expressão de um fato muito comum na cidade: a priorização dos espaços públicos centrais e a rarefação ou pouco cuidado com espaços públicos na periferia, como relata Nina, 22 anos, moradora do bairro Bom Pastor, quando perguntada sobre a existência de praças e parques e sua frequência de uso:

Não, antes dessa praça [Praça da Família Sandro Luiz Pallaoro recém-inaugurada] não tinha nada, né? **E agora tem só a praça [risos]. [...] na cidade tem, tem parques, tem biblioteca pública, tem na cidade, no restante da cidade tem mais aí.** [...] Tem o Ecoparque que é um dos mais antigos e famosos, tem o Parque do Palmital, esse é um pouco deixado de lado, tem o Parque das Palmeiras, tem o [Complexo Esportivo do] Verdão, tem esses aí. [...] **No Ecoparque a gente vai com certa frequência, porque ele é o que está mais bem cuidado assim, os outros estão meio deixados de lado e o Verdão recentemente recebeu reforma e tudo.** A gente vai às vezes no Verdão, na verdade, a gente não vai mais porque ele é bem longe, mas a gente vai ao Verdão também. O Parque do Palmital e o Parque das Palmeiras eu só conheço, mas não frequento. [...] Eh, [no Ecoparque] o dia todo a gente não costuma passar, não tem uma estrutura assim que dê para passar o dia, porque é mais uma área de mata assim com trilha de caminhada, aí tem tipo, banheiro e torneira ok, mas não é o suficiente para passar o dia, a gente já fez piquenique lá também, mas não é... às vezes é para caminhar mesmo.

Embora Nina teça críticas sobre o pouco cuidado da prefeitura com alguns espaços públicos, são lugares que ela conhece e frequenta. Contrariamente a ela, Tainara, diante das mesmas perguntas, afirma:

Olha, bem pouco viu, bem pouco. Eu acho que quando eles [os filhos] eram menores, na verdade, nós não tínhamos as praças tão bonitas como estão agora. **As praças antes eram perigosas de ir e de ficar com as crianças. De um tempo para cá eles deram uma reforma geral nessas áreas de lazer, e agora está mais gostoso até de ir.** Mas agora eles já não são mais tão crianças, enfim, mas acabamos frequentando mais. [...] Olha, **eu acho que tem suficiente [espaço público] na verdade. Eu acho que o povo de Chapecó mesmo que não aproveita o que existe.** [...] Uma área que eu acho eu acho linda é o Verdão, tem tantos lugares para as crianças andarem de bicicleta, pra brincar, se divertir, tomar um chimarrão, e às vezes nós passamos lá e não tem ninguém. Então me pergunto se o povo realmente gosta ou não disso, né? O Verdão foi uma área que meu sogro destinou, doou para prefeitura para passar a Avenida São Pedro. Mas enfim, **ficou até melhor que lá no rio, para ir para lá é horrível no final de semana, então deve ter alguma coisa interessante lá para baixo.**

Raíza, 25 anos, professora, moradora de hábitat popular, descreve uma tensão acerca do uso da rua associada às práticas de lazer da juventude:

Nós gostávamos muito de ir lá em cima, próximo ao shopping, no loteamento novo que tem lá em cima [loteamento Avenida no bairro Líder, setor norte]. Ele não tem muitos moradores e **era um lugar tranquilo até então, mas agora não é mais.** Nós não fomos mais para lá, na verdade. [...] **Como aqui os jovens não têm um espaço para irem beber e escutar música, eles resolveram ir todos lá para cima,** então não é mais um lugar seguro para você levar um filho para brincar, porque tem muitos fluxos de carros agora, então é todo aquele pessoal bebendo e saindo em alta velocidade. Nós tivemos acidentes graves lá, principalmente de moto. O pessoal dirige muito rápido e acaba se acidentando, não é? Não fomos mais para lá, então.

Essa tensão descrita por Raíza compõe o cotidiano da cidade de Chapecó, em particular quando se trata da relação da cidade com a juventude de renda mais baixa, que prefere ou só consegue realizar sua sociabilidade entre amigos e sem consumir em bares. São jovens que se encontram na parte norte da Avenida Getúlio Vargas, após o Shopping Pátio Chapecó, onde estacionam seus carros, ouvem música e consomem diferentes bebidas, inclusive álcool, sentados em cadeiras de praia.

Ao serem questionados sobre as mudanças que perceberam em Chapecó nas últimas décadas, as comparações com outras cidades não são raras, em particular com outras de porte médio da região Sul, como Maringá e Passo Fundo. Há uma oscilação entre, de um lado, uma percepção de crescimento e progresso e, de outro, o reconhecimento de que falta planejamento por parte do poder público. Vicente, 29 anos, morador de edifício de alto padrão no centro, afirma:

Nossa, **mudou eu acho que a curva do desenvolvimento,** assim... muito fácil pensar da seguinte forma: você pega Passo Fundo, que era uma cidade que era

bem mais evoluída que Chapecó e você compara ela com Chapecó, a curva de desenvolvimento dela, meu Deus, nossa... hoje Chapecó está lá em cima. Agora você pega uma cidade que todo mundo fala, Maringá, que é uma cidade extremamente planejada e tal, Chapecó ainda precisa subir bastante nível para chegar nela, é uma cidade que se pessoas boas ficarem na liderança dela eu acredito que seria muito bom. [...] eu acho que o trânsito de Chapecó é muito conturbado, uma questão já histórica. Ela tem um potencial de ser um dos melhores trânsitos, só que eles conseguem piorar a coisa, entendeu? Eu não consigo entender isso, as avenidas são largas, as ruas são todas planejadas, e eles conseguem criar um sistema na contramão do negócio. **Eu acho que a questão da... dos imigrantes, assim, bem que você falou, dos outros estados e países, assentar adequadamente esses povos, se não isso acaba no futuro gerando favelas e favelas e favelas** [...], se você não assenta as pessoas adequadamente, essas pessoas vão e se jogam lá no fundo do bairro, e lá no fundo do bairro começa aquela bola de neve. **Eu acho que tem que olhar para esse pessoal de uma outra forma, sem preconceito, com toda aquela história.** [...] É uma cidade que cresce o tempo todo, então realmente tem muita gente de fora vindo... sempre tem pessoas do Rio Grande do Sul e do Paraná vindo morar para cá.

Raíza tem uma visão bem ampla e positiva acerca das mudanças na cidade, detalhando aspectos como a proliferação de novos loteamentos, o impulso na construção civil, o excesso de veículos no trânsito e mesmo ações da prefeitura para prover postos de saúde e escolas nos mais diferentes bairros.

Nossa, mudou muita coisa. Na questão física, **a cidade cresceu muito... cresceu muito em extensão.** *Nós temos um loteamento emendando ao outro. Nós fomos dar uma volta, por esses dias, para o lado da Efapi. Há dez anos, a Efapi teve um ponto que era roça. Inclusive, um dos lugares que virou loteamento, foi um dos lugares no qual eu morei quando tinha quatro ou cinco anos com os meus pais. Era uma chácara, uma extensão de terras do Tomazelli daqui. Eles venderam tudo lá e virou loteamento.* [...] **Na questão da educação também. Eu vejo que veio a universidade federal e cresceu muito nesses 10 anos. Cresceu muito o espaço de lá. A mobilidade urbana também. A questão de as pessoas adquirirem veículo...** Vejo que muitas pessoas nesses 10 anos adquiriram veículo. O número de veículos que circula em Chapecó é muito grande, comparando com 10 anos atrás. [...] **Na questão da saúde também. Eu vejo e analiso que cresceu muito. Em praticamente todos os bairros de Chapecó, têm uma unidade de saúde para atender ao pessoal. Em todos os bairros de Chapecó tem creches para atender ao pessoal; se não tem uma creche, tem duas. Escola municipal, escola estadual...** eu acho que todos os bairros estão contemplando essas necessidades da população. [...] **Sobre a construção de prédios, nós sempre brincamos que não sabemos onde a pandemia [de Covid-19] afetou o pessoal da construção civil, porque em Chapecó, para onde você olha, em cada beco, está subindo um prédio.** Realmente, se parar para observar... nos

bairros, no centro da cidade... principalmente no centro da cidade, ali os imóveis estão crescendo muito. Eu recebo muitas propostas de imóveis novos que estão surgindo aqui em Chapecó, então é uma coisa inacreditável como estão crescendo. [...]

Por outro lado, ela também é capaz de ponderar criticamente:

Essa questão do crescimento da cidade acho que seja algo para melhor, sim. Até quando será melhor para nós, eu não sei. **Eu vejo o crescimento na questão de empregos.** Tem um novo empreendimento que vai sair aqui, que é um resort [Chap Acqua Life do grupo Costão do Santinho]. Foi aprovado e tudo mais. Eu vejo como algo bom. **Não digo pelas pessoas terem acesso, porque a gente sabe que um resort não é algo para que todos tenham acesso a ele. Na questão das finanças, não é todo mundo que pode pagar para ter acesso a ele.** Eu penso que seja um local bom por causa das vagas de emprego, porque é um local grande, então o número de empregos acredito que será bem favorável, não é? [...] **Aqui em casa, não fomos afetados financeiramente pela pandemia. Não deixamos de fazer nada em termos de ter que segurar por conta da pandemia.** *Nós sempre tivemos ciência de que algumas coisas não são necessárias, mas a gente percebeu bastante que o pessoal que não teve essa educação financeira desde o início, sentiu bastante.*

Na parte final de sua fala, quando contempla os efeitos da pandemia de Covid-19, oscila entre uma crítica às pessoas que não teriam organização financeira, o que revela certa desconexão com a realidade de pessoas de baixa renda, ainda que seja moradora de hábitat popular, e o reconhecimento de que a economia da cidade pôde subsistir às medidas restritivas impostas para controlar a propagação do vírus.

A postura mais crítica foi observada, em Ribeirão Preto, com a fala de uma entrevistada do setor sul da cidade. Clarice, 57 anos, moradora de espaço residencial fechado, tem renda mensal de 12 mil reais; é historiadora aposentada, continua a trabalhar como assessora para implantação de projetos museológicos e destacou:

Assim, do meu núcleo mais próximo de amigos e meus familiares, quando eu optei por casa, todos ficaram tranquilos em eu vim para um condomínio, então teve essa questão que é mais seguro, mesmo os amigos arquitetos falando **“poxa cidade murada e tal”** eu falei **“então vou voltar à Idade Média”** porque basicamente é isso.

Ela demonstrou, em sua fala, uma postura crítica em relação à tendência de ampliação de espaços fechados nas cidades, ainda que tenha optado por morar num deles. A tensão entre o que compreende que deveria ser a cidade e o que considera que é a cidade hoje está clara em seu depoimento, que revela desconforto em relação à sua opção residencial.

Augusto, 60 anos, com renda mensal de 38 mil reais, embora morador de um condomínio vertical de luxo que está no setor sul da cidade, ao reconhecer as melhorias que a cidade vivenciou nos últimos dez anos, critica a expansão de espaços residenciais fechados, do tipo horizontais, em Ribeirão Preto:

Ela [a cidade] cresceu para a zona sul e foi pegando um monte de condomínios, eu acho um horror, não sei onde vai parar isso.

Esses condomínios na zona sul não têm nada comercial. Não tem um café para você ir, não tem supermercado perto, não tem uma padaria perto, nada. **Por isso eu não gostaria de morar nesses condomínios, me enterrar num lugar desses.**

Neste caso, a elaboração de sua resposta à nossa pergunta, pode ter levado o entrevistado a tomar consciência sobre a atual estruturação espacial de Ribeirão Preto, uma vez que, para destacar o que ocorreu nos últimos dez anos, reconheceu as melhorias (novos cinemas e shopping centers, reforma do teatro, ótimos centros médicos etc.), mas também destacou os resultados da tendência de fechamento e especialização funcional que acompanha a proliferação dos espaços residenciais fechados. Não tendo nascido em Ribeirão Preto, tendo ido morar nesta cidade em 1990 e tendo morado em apartamentos no centro, a sua perspectiva é sempre comparativa do ponto de vista temporal (como era a cidade quando chegou, como é agora) e espacial (como era no centro, como é no setor sul). Indagado se sentia seguro na cidade, elaborou uma resposta não apenas descritiva, revelando uma tomada de posição em relação aos fatos:

Como em todo Brasil, a coisa aqui não é muito boa. Então já falamos dos assaltos, eu já vi um cara sendo assaltado na porta do meu prédio, olhando lá para fora assaltado na avenida, durante o dia, mas assim, não é uma coisa gritante e tem bairros piores. Mas é uma coisa preocupante. Falar para você, 10 horas da noite eu vou ali na farmácia a pé, vou com medo. Apesar que teve gente que foi assaltada indo na farmácia às 5 horas da tarde, mas é uma coisa preocupante. Mas isso não me detém em casa não. **Prefiro enfrentar e falar: eu não estou com medo.**

Maurício, já citado, também oferece elementos para se compreender a estruturação espacial da cidade, do ponto de vista crítico:

Eu acho que no imaginário das pessoas, o Alto da Boa Vista ainda é um bairro de gente rica. Para usar a expressão aqui, “você mora no Alto da Boa Vista, você é burguês hein, cara!”. [...] É óbvio que o outro, que estava aqui e que saiu daqui, provavelmente ele acha este um bairro decadente, “não, o Alto da Boa Vista é uma burguesia falida que não teve dinheiro pra sair de lá”.

Quando perguntado sobre os espaços residenciais fechados, frisou:

Ah, eu acho horrível não é!? **Eu acho que se encaixa nesse modelo de cidade, nessa coisa da falsa segurança, de você se isolar da pobreza mesmo, da exclusividade eu acho.** O que eu vejo muito é que morar em um condomínio fechado é um símbolo de status da modernidade. “Ah! Eu moro em um condomínio fechado, olha como eu sou bacana!”

Eu vejo esses condomínios, eles surgem aqui em Ribeirão, esses loteamentos, eu já tive essa discussão com algumas pessoas da... “Ah! Não! Mas é um bairro!” Um bairro que tem uma portaria e uma cancela na porta, onde você só entra se apresentar o RG. Para mim isso não é um bairro. **Eu vejo como limites impostos ao ato de ser um cidadão, da vivência cidadina, de você ter direito a cidade. Eu acho que esses condomínios tiram o direito à cidade. Eles fecham os espaços...**

No entanto, num país como o Brasil, em que as desigualdades são grandes e em duas cidades em que são marcantes, ainda que estruturadas segundo lógicas espaciais que não são as mesmas, é compreensível que a crítica mais forte tenha vindo dos moradores da periferia, compreendida aqui não em seu sentido geométrico, mas sim como aquela caracteristicamente produzida para abrigar os segmentos de menor poder aquisitivo.

Rosário, 56 anos, diarista, ganhava três mil e quinhentos reais, antes da pandemia, e quando foi entrevistada em outubro de 2020, estava tentando obter auxílio do governo, porque diminuiu o número de clientes e estava ganhando apenas mil reais. Ela mora no Jardim José Wilson Toni, um conjunto construído para abrigar cidadãos que moravam em áreas faveladas de Ribeirão Preto. Toda entrevista foi permeada por análises sobre os fatos vividos e a sua condição de moradora da periferia ficou patente em várias passagens:

Se eles vierem aqui e os menores os provocarem, eles metem tiro de bala de borracha. E não estão nem aí em quem vai pegar. Um outro dia, em um domingo, isso está fazendo uns vinte dias, eu tinha acabado de almoçar, eu até passei mal. **Eu escutei uns barulhos, fui olhar na janela da sala, a polícia metendo tiro em dois adolescentes em cima da moto. Quer dizer, eles não querem saber se vai pegar em alguém que está na calçada. O que vai acontecer, entendeu?** Então aqui, a hora que a gente sai, eu fico meio travada. Eu tenho medo, sabe? Eu olho para um lado, olho para o... porque do nada, isso acontece. Outro dia, seis horas da tarde, a gente chegando do serviço, a Shirley levou um tiro, aí quase caímos da moto. Ela perdeu o controle, eu perguntei para ela: “Que foi? Está passando mal?” Ela disse: “Acho que levei um tiro”. Eu respondi: “Ah, está de brincadeira.” Aí eu desci da moto, olhei a moto, ajudamos ela a descer. Entendeu? Aí, ela estava com essa bala de borracha, quase em carne viva as costas. **Segurança, nós não temos aqui não.**

Sua condição de moradora da periferia, como é comum em toda América Latina, vem acompanhada de reflexões a propósito do acesso à moradia, pois, quando perguntada sobre a descontinuidade do programa federal de produção habitacional popular, durante o mandato de Jair Bolsonaro, ela destacou:

Eu só acho que não deveria ter parado. Porque espaço, em Ribeirão, a gente tem para fazer. Dinheiro, o governo também tem. [...] Então, **eu acho errado terem fechado essa coisa do Minha Casa Minha Vida, porque tem bastante gente que realmente necessita de uma casa.** Porque para cá, tem bastante gente que lá da favela, só que se você entrar na casa deles, você come no chão. Tem gente que saiu da favela, e a favela ficou, só que tem gente que saiu da favela, e a favela veio junto. É mais ou menos assim, entendeu? Eu acho errado eles terem parado o Minha Casa Minha Vida. Tinha que continuar.

A relação com a casa própria foi evidenciada nas narrativas de vários moradores da periferia. Na maior parte dos casos, as falas são positivas, sempre destacando os aspectos positivos decorrentes do acesso à propriedade residencial, mas há entrevistados que tiveram capacidade de elaborar reflexões sobre esse processo. Vanda, 31 anos, moradora do Conjunto Cristo Redentor, implantado com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida¹⁶, tinha tido a renda familiar reduzida em função da pandemia, de oito mil para cinco mil reais. Sua narrativa é permeada por comparações que elabora, tomando como referência suas experiências pretéritas, uma vez que nasceu em Cianorte (Paraná), já morou em Assis e Marília (São Paulo) e, em Ribeirão Preto, já passou por vários bairros, como Lagoinha, Botânico, Bela Vista, Monte Alto, Jd. Paulista, Jd. Paulistano e Jd. Juliana, em casas alugadas ou na própria de seus pais. Ela se diferencia de estereótipos que, muitas vezes, construímos sobre o morador da periferia, pois concluiu o ensino superior, tem mestrado, participa de práticas comunitárias para ampliar a arborização do bairro e se questionou sobre a aquisição do imóvel, antes de conhecê-lo:

[...] porque eu falei “Tudo bem que está fácil, mas **eu quero conhecer, porque não é assim também, só porque está fácil eu vou comprar, se não foi uma coisa legal, eu não quero saber**”. Quando eu vim ver a casa e tudo mais, e vi como que era arborizado aqui, o projeto e tudo mais, aí eu falei “Não, é legal, é bacana”.

Igualmente, tem consciência sobre as dificuldades atuais de aquisição de imóveis por meio de programas públicos de provisão da habitação, tanto quanto das relativas ao pagamento das prestações:

Então, a partir do momento que nós compramos a casa, a gente começou a sofrer muito financeiramente, foi um parto, porque a gente começou a se endividar muito. Então, **a minha relação com a compra da casa não foi só prazerosa, ela vem acompanhada de muita angústia, de muito sufoco financeiro, de muito problema**, tanto é que em 2019, quando nós já estávamos aqui, a gente entrou em depressão profunda, tanto eu quanto ele, meu marido chegou até a tentar suicídio. Então foi uma coisa muito pesada. A entrega da casa, todo esse primeiro ano e tudo o que vem acompanhado, eu não posso falar que foi “Nossa, meu maior sonho realizado!”, não foi tão leve assim para mim, mas hoje, eu consigo olhar e falar “Nossa que bom que a gente tem”, porque se não

tivéssemos passado por tudo o que a gente passou, nós não teríamos comprado outra casa porque está cada vez mais difícil de comprar.

Considerações Finais

A partir das três perspectivas adotadas, esperamos ter desenhado um caminho analítico para tratar as narrativas registradas nas entrevistas que realizamos. Nosso intuito foi o de “apreender o vivido de maneira longitudinal, a partir de fatos e de seus efeitos”¹⁷, como sugeriu Breton (2022, p. 5).

As escolhas que fizemos neste texto não são as únicas possíveis. Isso se deve às seguintes razões: o material recolhido nas entrevistas é extenso, rico e complexo, o que propicia a seleção de outras perspectivas; conforme a cidade estudada, outras escolhas podem ser feitas, já que as narrativas colocam ênfases diferentes na seleção do que foi vivido para responder às questões do roteiro da entrevista; cada pesquisador da equipe, conforme sua bagagem bibliográfica, seus interesses e sua sensibilidade, pode reconhecer outros temas, como agrupamento das narrativas, e outros modos de interpretá-los.

Assim, a análise das entrevistas apresentada no texto foi construída na direção de acatar a recomendação de Breton (2022, p. 168) de “explorar de maneira mais ou menos ampla, mais ou menos profunda, a experiência captada das palavras, diferenciando três perspectivas: os fatos vividos, seus efeitos, os processos de síntese e de configuração que deles resultam”¹⁸.

As reflexões sobre Chapecó e Ribeirão Preto que apresentamos nos levaram a entender que a ampliação da escala em que se estabelecem as relações econômicas que articulam a cidade tem repercussões na constituição de novas lógicas espaciais de produção do espaço urbano e, simultaneamente, exige as transformações que estão em curso, marcadas por aprofundamento das desigualdades e por formas de diferenciação socioespacial que se distinguem das pretéritas.

Para Ribeirão Preto, do ponto de vista das representações sociais que são elaboradas sobre o espaço urbano, sem dúvida a construção de uma cidade cindida entre pobres e ricos apareceu com maior força nas narrativas dos entrevistados. Em Chapecó, as entrevistas demonstram uma compreensão menos forte dessa cisão, seja porque ela não está claramente estabelecida no espaço urbano – como na divisão norte/sul em Ribeirão Preto –, seja porque ainda há importantes processos de verticalização e expansão urbana que poderão alterar a relação centro-periferia no futuro e, em particular, as características das áreas mais distantes do centro.

A chamada de Brenner (2013) para que se avance na teorização sobre a natureza dos processos contemporâneos de reescalonamento poderia ser o horizonte interessante de debate e reflexão, uma vez que ele nos convida a alcançar uma “gramática conceitual mais precisa para analisar a rediferenciação contínua e hierárquica das relações socioespaciais durante um período particularmente volátil na geo-história do capitalismo” (p. 215).

Ademais, esperamos ter contribuído, neste artigo, para mostrar que os processos contemporâneos de produção do espaço urbano constituem-se de modo particular em cidades médias e, com aspectos muito singulares, quando observamos as especificidades de cada uma delas e de suas regiões de inserção, mostrando o papel importante da pesquisa sobre a urbanização a partir de diferentes olhares.

Referências Bibliográficas

ABATE, A. A. *As vozes da fragmentação socioespacial: uma leitura pelas lentes da mobilidade e da acessibilidade urbanas de cidadãos que habitam a periferia de Ribeirão Preto – SP*. 2021. 270f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2021.

BRENNER, N. Reestruturação, reescalamento e a questão urbana. *GEOUSP*, n. 33, p. 198-220, 2013.

BRETON, H. *L'enquête narrative en Sciences Humaines et Sociales*. Paris: Armand Colin, 2022.

CATALÃO, I. Socioespacial ou sócio-espacial? Continuando o debate. *Formação*, v. 2, n. 18, p. 39-62, 2011.

_____. *Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba*. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista/Avignon Université, Presidente Prudente/Avignon, 2013.

CORRÊA, R. L. *Espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1986.

GÓES, E. M. et al. Entrevistas com cidadãos: perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. In: GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 71-122.

HARVEY, D. Neoliberalism and the city. *Studies in Social Justice*, v. 1, n. 1, p. 2-13, 2007.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Região de Influência das cidades 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000.

LINDÓN, A. Geografías de la vida cotidiana. In: LINDÓN, A.; HIERNEAUX, D. (Orgs.). *Tratado de Geografía Humana*. Barcelona: Anthropos, 2006. p. 356-400.

LOW, S.; SMITH, N. (Eds.). *The politics of public space*. Nova York: Routledge, 2008.

Maria Encarnação Beltrão Sposito e Igor Catalão

MAGRINI, M. A.; CATALÃO, I. Del derecho al consumo al derecho a la ciudad: contradicciones y convergencias. *EURE*, v. 43, n. 130, p. 25-46, 2017.

PINSON, G. *La ville néolibérale*. Paris: Presses Universitaires de France, 2020.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-Fr. Amérique latine: la ville fragmentée. *Esprit*, "Quand la ville se défait", p. 128-144, 1999.

SOJA, E. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *Postmetrópolis: estudios críticos sobre las ciudades y las regiones*. Madri: Traficantes de Sueño, 2008.

SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. *Mercator*, n. 19, n. 6, p. 1-13, 2020.

SPOSITO, M. E. B. Multi(poly)centralité urbaine. In: FISCHER, A.; MALEZIEUX, J. (Orgs.). *Industrie et Aménagement*. Paris: L'Harmattan, 1999. p. 259-286.

_____; CATALÃO, I. Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*, ano 14, n. 27, p. 35-54, 2024.

_____; GÓES, E. M. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____; _____. Práticas espaciais. In: SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). *A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Consequência, 2022, p. 91-106.

_____; SPOSITO, E. S. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 21, n. 2, p. 462-479, 2017. Doi: 10.11606/issn.2179-0892.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS (ENG), 12, Belo Horizonte, 22-28 jul. 2012. *Anais...* Belo Horizonte: Associação de Geógrafos Brasileiro (AGB), 2012.

Recebido em: 15/12/2023. Aceito em: 05/01/2024.

Notas

¹ “Urbanização contemporânea: reestruturação e desigualdades socioespaciais”, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq/PB) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito do Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência (Pronex) e vinculada à Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) da qual os autores fazem parte; e “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FragUrb), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/07701-8).

² Neste texto, grafaremos socioespacial sem hífen, em respeito à norma padrão da língua portuguesa em vigor no Brasil e conforme defende Catalão (2011).

³ Grande programa de produção de habitação popular para os segmentos de menor renda da sociedade que teve início em 2009 no segundo mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e teve continuidade nos mandatos de Dilma Vana Rousseff. Sofreu queda de investimentos após o golpe que destituiu Rousseff e mudou de nome, no governo Bolsonaro, em 2020, passando a ser intitulado Programa Casa Verde e Amarela, com produção de unidades habitacionais irrisória. Em 2023, no terceiro mandato de Lula, o programa volta à sua nomenclatura original.

⁴ Há várias situações em que os conflitos urbanos se tornam insustentáveis pela radicalização das posições que conflitos armados podem chegar a ocorrer, por vezes com tráfico de drogas, poderes paralelos e ação coordenada da polícia, que também envolvem ações armadas. No restante dos casos, trata-se mais de uma tensão oriunda da dificuldade de convivência.

⁵ Ver Harvey (2007) e Pinson (2020).

⁶ Outros planos analíticos complementam o escopo das pesquisas mencionadas na nota 1. Neste texto, trabalharemos apenas com o plano referente às práticas espaciais e ao cotidiano urbano.

⁷ Na versão traduzida para o português, o termo adotado é “momentos”, mas pelo sentido dado por ela à enunciação feita, optamos por adotar o termo “traços”, mais genérico, porque menos associado à temporalidade dos processos.

⁸ Distinguimos as práticas espaciais das lógicas e estratégias espaciais, que são levadas a cabo pelos agentes econômicos, pela racionalidade que as comanda, pela identidade que guardariam com o espaço concebido da trilogia lefebvriana (SPOSITO; SPOSITO, 2017).

⁹ Não poderíamos, neste texto, tratar de todas as cidades e analisar todas as entrevistas, razão pela qual fomos compelidos a escolher apenas duas – Chapecó e Ribeirão Preto – e restringir as entrevistas utilizadas aos recortes analíticos feitos.

¹⁰ Chapecó está situada no oeste de Santa Catarina, região que é marcada pela presença de pequenas propriedades rurais, em geral familiares, vinculadas a pequenos núcleos urbanos. A transição rural-urbana na região fez-se uma década depois da média brasileira. No âmbito da rede urbana, a cidade ocupa uma posição de destaque como “capital regional B” (IBGE, 2020), embora – com cerca de 255 mil habitantes – seja menor que a média brasileira para cidades desta posição. Com uma economia vinculada de modo importante à indústria alimentícia – principalmente processamento de carnes de aves e suínos –, Chapecó sedia a Aurora Coop, uma das mais importantes empresas alimentícias brasileiras e possui um setor de comércio e serviços robusto. Seus papéis de intermediação entre as cidades menores e as metrópoles associam-se à posição importante que ocupa na exportação de alimentos e na conexão com as cidades portuárias.

¹¹ Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, tem seu crescimento e desenvolvimento associados à produção cafeeira. Foi palco importante da substituição do trabalho escravo de populações pretas pela mão de obra livre. Sua articulação a escalas geográficas mais amplas ocorre, desde o final do século XIX, por via férrea – principalmente em ligação à capital do estado e ao porto de Santos. A cidade, com cerca de 699 mil habitantes, figura como “capital regional A” na rede urbana brasileira (IBGE, 2020), sendo a única não capital de estado neste nível. Ela compõe, no estrato mais elevado, o conjunto de cidades que desempenham papel de intermediação entre metrópoles e cidades menores. Face à crescente mundialização da economia, sendo um dos principais polos do agronegócio exortador no Brasil, Ribeirão Preto articula-se aos contextos internacionais.

¹² Fonte: <https://painel.seade.gov.br/agropecuaria/>

¹³ Todos os grifos em excertos de entrevistas foram feitos pelos autores para as finalidades deste texto.

¹⁴ Bairro onde se localiza uma unidade industrial da Coca-Cola. Não há referência direta, na fala da entrevistada, ao tráfico de cocaína.

¹⁵ Esse investimento a que Túlio se refere foi anunciado em 2020 pela empresa proprietária do resort Costão do Santinho em Florianópolis. Foi anunciado um investimento de um bilhão de reais para a construção do Chap Acqua Life, um complexo turístico no estilo parque aquático com apart-hotéis situado próximo aos bairros Belvedere e Vila Rica, no setor norte da cidade. Porém, até a publicação deste texto, não houve início das obras.

¹⁶ Ver Abate (2021) sobre este grande conjunto habitacional localizado no norte de Ribeirão Preto.

¹⁷ Tradução nossa de: *“appréhender le vécu de manière longitudinale, à partir des faits et des effets vécus”*.

¹⁸ Tradução nossa de *“explorer de manière plus ou moins ample, ou plus ou moins profonde, l’expérience saisie au cours de la mise en mots, en différenciant trois perspectives: les faits vécus, les effets éprouvés, les processus de synthèse et de configuration qui en résultent”*.